
Contribuições Para as Interfaces entre Jornalismo e História: Compreendendo o Lugar de Fala dos Jornais Impressos ¹

Sônia Maria dos Santos CARVALHO²
Universidade Estadual do Piauí, Teresina, PI

RESUMO

Este artigo parte do reconhecimento da importância da interface entre os campos do Jornalismo e História para o crescimento de ambos e com esta premissa aborda contribuições jornalistas que estudam o seu campo podem oferecer à pesquisadores de ambas as áreas no que tange à crítica aos jornais impressos, usados frequentemente em pesquisas científicas. O artigo revisa o que se construiu cientificamente sobre as características dos impressos, ou seja, percebe os impressos em seu caráter de produto de uma construção social e histórica e o seu lugar social de fala bem como propõe caminhos e possibilidades para que esta fonte de pesquisa em específico possa ser melhor explorada nas reflexões e intentos de pesquisa, fortalecendo os diálogos possíveis entre as áreas de estudo.

PALAVRAS-CHAVE: jornalismo; história; impressos.

Contribuições e diálogos possíveis para as pesquisas com e sobre os impressos

Este artigo foi pensado a partir do reconhecimento da importância da interface entre os campos do Jornalismo e História para o crescimento de ambos, porém, com foco específico nas contribuições que os jornalistas podem oferecer à pesquisadores destas áreas no momento da crítica aos jornais impressos, usados frequentemente em pesquisas científicas.

Afinal, como jornalistas pesquisadores de seu campo podem auxiliar estudiosos de outras áreas, como a História por exemplo, a utilizar jornais impressos em pesquisas? Quais características estas fontes possuem? Quais especificidades delas decorrentes devem ocupar o centro das preocupações investigativas no campo da História? Estas inquietações acadêmicas fizeram parte da experiência da autora ao cursar o Mestrado em História do Brasil pela Universidade Federal do Piauí (2008-2010). Na ocasião, percebeu-

¹ Trabalho apresentado no GP História do Jornalismo, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professora efetiva do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual do Piauí, UESPI. Graduada em Comunicação Social - Jornalismo pela Universidade Federal do Piauí (UFPI) e Mestre e História do Brasil pela UFPI, e-mail: professoradauespi@hotmail.com.

se estas dúvidas em historiadores, em que pese o amplo uso dos jornais impressos nas investigações produzidas. Seria mesmo necessário dar aos impressos um tratamento metodológico diferente do corrente, que consistia na ida aos arquivos, localização dos periódicos, recorte digitalizado do material informativo e análise do material à luz da teoria e de fontes de outra natureza?

Neste estudo, breve e despretensioso, propõe-se reflexões sobre o uso das fontes hemerográficas nas pesquisas em História, sem esgotar o tema ou lançar soluções acabadas. O objetivo é somar esforços às colocações de estudos já lançados, como o de Luca³, oferecendo à discussão geral ideias oriundas da experiência de investigar as relações entre os jornais impressos teresinenses das décadas de 1950, 1960 e 1970 e o arcebispo Dom Avelar Brandão Vilela⁴. Outro intento é contribuir com o coletivo de historiadores no exercício da investigação científica.

A princípio, é possível falar de uma familiaridade inicial que todos nós, jornalistas, historiadores ou não, temos com os jornais impressos. Eles fizeram e fazem parte do cotidiano das sociedades, sendo tomados como ferramentas de informação e direcionamento diante da complexidade da vida social. Habitamo-nos a lê-los para dirigir a rotina, como descobrir pontos de prestação de serviços ou os locais de votação, ou para acessar as ideias correntes, as projeções de futuro e as análises de dias passados. Do uso instrumentalizado à sondagem cultural/política de um tempo, diversas são e foram as finalidades dadas aos jornais impressos ao longo dos anos. Porém, é a existência periódica no tempo, enraizada ao ponto do senso comum considerá-los um componente natural das sociedades, que gera a ideia de familiaridade inicial com esta fonte.

³ LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos impressos. Fontes orais: histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas*. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p.111.

⁴ A passagem pelo Programa de Pós-Graduação em História do Brasil na UFPI gerou a dissertação *Dom Avelar Brandão Vilela: uma biografia histórica*, sob a orientação da Dra. Áurea da Paz Pinheiro, produzidas com a análise de 350 imagens oriundas de 21 jornais impressos, além de fontes bibliográficas. Avelar Brandão Vilela nasceu em 13 de junho de 1912, no município de Viçosa, no estado de Alagoas. Foi ordenado padre em Aracajú, no estado de Sergipe, em 27 de outubro de 1935 e eleito bispo de Petrolina, Pernambuco, em junho de 1946 pelo Papa Pio XII. Como chefe máximo desta Diocese, realizou dois congressos eucarísticos e várias semanas ruralistas.. Organizou setores especializados em Ação Católica e Instalou a Campanha Nacional de Educação Rural. Ao assumir a diretoria nacional do Movimento de Educação de Base (MEB), projetou-se nacionalmente junto ao episcopado brasileiro. Foi, neste período, vice-presidente da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil e presidente do Conselho Episcopal Latino Americano (CELAM), chegando a coordenar a Conferência de Medellín, na Colômbia, em 1968. Posteriormente, participou da elaboração do primeiro Sínodo dos Bispos a convite do Papa Paulo VI. Chegou à capital piauiense aos 44 anos, na condição de segundo arcebispo da Arquidiocese de Teresina e segundo presidente da Província Eclesiástica do Piauí, em 05 de maio de 1956. Sua nomeação ao cargo foi decretada pela representação do Vaticano no Brasil, o Núncio Apostólico, na pessoa de Dom Armando Lombardi, exatamente um ano antes de sua posse no cargo.

Uma das consequências diretas do caráter familiar é a tentação de se distanciar da necessidade de percebê-los respeitando uma metodologia apropriada, que leve em conta o fato de jornais serem construção social e cultural da realidade de um tempo. Tratando-os apenas como uma passagem de acesso ao passado, a riqueza da fonte se reduz para o campo historiográfico, tornando-se interessante às investigações apenas por oferecer dados que os livros, alvarás, decretos-lei, códigos de posturas, diários íntimos ou biografias não conseguem proporcionar.

Em geral, por essa familiaridade e pela indisponibilidade de tempo para estudar as estruturas das fontes, pesquisadores conduzem seus trabalhos sem assinalar com maior profundidade as metodologias utilizadas para analisá-los. Afinal, é preciso reconhecer que a demanda por produzir investigações em prazos cada vez mais curtos, terminam por atropelar a análise mais detidas das fontes selecionadas para as propostas investigativas.

No entanto, é possível avançar e superar essas problemáticas iniciais elaborando investigações mais atentas ao tratamento das fontes hemerográficas, o que ampliaria a aproximação entre os campos da História e Jornalismo. Conforme Barbosa⁵, os campos historiográfico e jornalístico são próximos, pois historiadores no exercício mais simples de seu ofício executam a compreensão, organização e edição das narrativas - inclusive as do tipo jornalísticas. Do lado dos jornalistas, há uma expectativa de historicidade nas narrativas elaboradas para as edições periódicas. Eles desejam que sejam únicas, singulares, vençam o risco de desaparecimento no tempo e ganhem, portanto, a História. A construção textual jornalística é vaidosa e interessada, opera no nível do simbólico para alcançar reconhecimento na adequação do seu texto ao contexto cultural e ético em vigência. Nas faces de contato entre estes dois campos, o saber historiográfico existente é o saber comunicado e a narrativa jornalística se pretende fonte respeitável do passado.

Voltando ao caráter da familiaridade, é preciso considerar que os jornais impressos entregam, em suas edições diárias, produtos que rejeitam de partida qualquer premissa de construção natural da realidade. Na transformação de fatos em notícias são feitas escolhas profissionais, considerados marcos editoriais e comerciais e estabelecidas negociações com os públicos que vetam a ideia de transmissão fiel do real. É legítimo, portanto, falar de edições nas quais vozes são silenciadas diante do pouco espaço disponível para

⁵ BARBOSA, Marialva Carlos Barbosa. Meios de Comunicação e história: um universo de possíveis. In: FERREIRA e RIBEIRO (orgs.). *Mídia e Memória, a produção de sentidos nos meios de comunicação*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007. p.15.

publicação, aumentando a proeminência de outras tantas falas eleitas para divulgação concreta na página do dia seguinte. Quando se colocam as deliberações baseadas em rotinas profissionais que visam práticas de poder é impossível falar em naturalização da atividade.

Como qualquer documento selecionado para as pesquisas historiográficas, os impressos necessitam da crítica do investigador⁶, exercitada no diálogo com as definições metodológicas estabelecidas e marcos teóricos estabelecidos, conforme o problema de pesquisa e seus objetivos. Os dados extraídos demandam o cruzamento com outras fontes, num jogo de reflexão crucial para a validade científica da investigação. Ou seja, tomar os jornais como fonte é fácil e difícil ao mesmo tempo: torna-se simples, à princípio, pela sua familiaridade e penetração na vida em sociedade, contudo, à medida que torna-se fonte de pesquisa científica, sua natureza se complexifica, exigindo precauções extras e posturas aprofundadas do investigador.

Como analisar, afinal, o conteúdo hemerográfico e quais os limites e possibilidades dos periódicos para investigações historiográficas?

Os produtos jornalísticos eletrônicos, ou chamada mídia eletrônica, ganharam proeminência no Brasil a partir da década de 1970, sendo aceitos e construídos pelas diferentes faixas da população e tornando-se objetos/fontes de estudos historiográficos dedicados às reflexões das nossas vivências nos últimos quarenta anos. No entanto, as relações entre História e Jornalismo acontecem com maior frequência através das fontes impressas pelo caráter particular desta última. Conforme Romancini e Lago, a trajetória do jornalismo impresso é muito maior em relação às outras modalidades de registro jornalístico, mesmo se considerada a sua existência no Brasil somente a partir de 1808, com a chegada da família real ao Brasil, a introdução da tipografia e, portanto, de um instrumento de divulgação coletiva que justifique se pensar em jornalismo periódico⁷.

⁶ Alertando para a importância da crítica ao documento, o pesquisador Jaques Le Goff afirma que este não é “material bruto, objetivo e inocente, mas algo que exprime o poder da sociedade do passado sobre a memória e o futuro: o documento é monumento”. LE GOFF, Jaques. *História e Memória*. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003. p. 526.

⁷ Existem controvérsias em relação ao início do jornalismo no Brasil. Marco Morel concorda com uma linhagem de pesquisadores para os quais o jornalismo brasileiro não teria surgindo com a instalação da tipografia pela família real portuguesa, mas antes da chegada desta, ainda em 1.808, com a circulação do *Correio Braziliense* entre nobres e plebeus do Brasil. O *Correio* era redigido em Londres por Hipólito José da Costa Furtado Mendonça e constituiu um repertório importante para o conhecimento do período inicial da imprensa brasileira. Não foi o primeiro jornal a ser lido no Brasil, mas o primeiro a praticar a divergência política no contexto do absolutismo português. MOREL, Marco. Os primeiros passos da palavra impressa. In: LUCA & MARTINS (orgs.) *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.p.29.

A existência de um público letrado e interessado em consumir notícias periódicas, a implantação de uma técnica – no caso a tipografia – capaz de satisfazer, num âmbito maior do que o da comunicação oral ou manuscrita, esse interesse e a constituição de veículos para transmitir as informações são pré-requisitos da atividade jornalística em sentido estrito.[...] Desse modo, a imprensa e o jornalismo em nosso território surgem apenas quatorze anos antes da separação do país de Portugal, apesar do domínio colonial ter durado mais de três séculos.⁸

Portanto, a modalidade impressa constitui a mais antiga vertente jornalística de pesquisa para o campo historiográfico. E lidar com esta construção social é estabelecer contato com formas de organização e de posicionamento das intelectualidades no tempo. Como são escritos para os outros, por e para grupos de referências variados e com o objetivo de dar conta de um presente sem deixar de construir o acervo de realidades para consultas futuras, os jornais trazem os desejos de vivência do hoje e de eternidade que tanto marca as atividades humanas. Afinal, para que se registra em papel uma coletânea de pensamentos que se coadunam, se contrapõem, contestam ações, dirimem problemas cotidianos, orientam pessoas, entretém e estabelecem campos de poder, senão para buscar perenizar o que, por estar preso à matéria humana, de outro modo pode perecer?

Portanto, há subjacente um desejo de eternidade nas publicações impressas. Há a humana necessidade de existência e influência em reflexões futuras, sejam elas em formas de pesquisas historiográficas, jornalísticas ou de outro campo de saber. Esse caráter dialoga com os próprios objetivos da comunicação humana, que são expandir a probabilidade pessoal de influência, reduzindo as chances de nos tornarmos apenas alvo de forças externas sobre as quais não temos controle, sobre as quais não seríamos humanos em plenitude.

No caráter de atividade humana por excelência, funda-se a legitimidade dos jornais impressos como fonte de pesquisa histórica. Como esclarece Veiga, “o jornalismo está enraizado no terreno da palavra humana, [...] é uma instância de pulsão expressiva e socializante do homem”⁹. O jornalismo impresso pode ser tomado, portanto, como uma das formas do dizer e do representar socialmente as coisas do mundo.

⁸ LAGO, Cláudia; ROMANCINI, Richard. *História do Jornalismo no Brasil*. Florianópolis: Insular, 2007. p.15.

⁹ VEIGA, Vera França da. Pré-texto teórico. In: *Jornalismo e Vida Social: a história de um jornal mineiro*. Belo Horizonte: editora UFMG, 1998. p. 37.

Produzir jornais é sinônimo de exposição de erros, exageros e acertos de uma sociedade. Seus textos dão conta dos defeitos, das mazelas e méritos construídos por gerações. Nos impressos, narradores conceituam contemporâneos, heróis do passado ou do futuro, tematizam problemas, dizem o que consideram pertinente. E conceituar narrando o seu mundo é também o constituir¹⁰.

Acredito que cada problema de pesquisa colocado sugere perguntas particulares aos periódicos impressos, como questionamentos que se remetem às condições específicas do contexto evocado na investigação. As fontes hemerográficas podem auxiliar em muito, contudo, não são recursos de capacidade ilimitada para a História, pois como prática de dimensão complexa, podem demandar informações só encontradas em fontes de outra natureza, como em entrevistas em profundidade, temáticas ou de trajetória de vida.¹¹ Em que pese as necessidades particulares das investigações historiográficas, é necessário considerar nas fontes impressas:

- 1) *O lugar social ocupado* - Luca¹² já havia citado este fator como ponto fundamental de análise. No entanto, nem sempre é possível determiná-lo apenas acessando o impresso selecionado. O que os periódicos dizem de si está em suas páginas em forma de slogans, frases ou subtítulos postos após as suas logomarcas ou brasões. Há os que claramente defendem uma linhagem política e comercial, enquanto outros apregoam imparcialidade no trato das informações (coloque o questionamento: foi realmente possível, em algum momento histórico uma atividade jornalística despida de orientação política/econômica, como se jornalismo fosse atividade pública de fim coletivo que não demandasse recursos financeiros para sua concretização?). No entanto, estas representações em si consistem na imagem que o periódico desejou passar aos seus públicos e não fariam de si de modo depreciativo. Por isso, pode o investigador examinar os jornais contemporâneos e estabelecer as marcas distintivas entre eles. Conforme dito, por serem construções sociais, constituem-se nas relações com os grupos de leitores e jornais com os quais faziam interlocução. Outras fontes que podem auxiliar na determinação do lugar social ocupado pela imprensa escrita são os livros de memórias dos jornalistas ou artigos biográficos deixados por eles dando conta de suas representações profissionais. Quando possíveis, as entrevistas em profundidade, temáticas ou de vida com pessoas da imprensa dão acesso tanto à sua percepção íntima sobre o processo de negociação de sentidos mediante os jornais, quanto às informações de natureza prática como as localizações das redações, os empecilhos/possibilidades de ordem técnica, organizações coletivas de trabalho, retorno do público, leituras

¹⁰ Para Paul Ricoeur o lugar da narratividade na arquitetura do saber histórico – a representação, tanto sob seu aspecto narrativo como por outros - *não se acrescenta de fora à fase documental e a fase explicativa, mas as acompanha e as sustenta. Não há acontecimento que escape à narrativa.* RICOEUR, Paul. *A Memória, a história, o esquecimento.* Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2007. p. 252.

¹¹ Há o trabalho de Verena Alberti que didaticamente orienta o pesquisador no trabalho com a Metodologia da História Oral. Ver ALBERTI, Verena. Fontes orais: histórias dentro da História. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas.* 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.p.155.

¹² LUCA, Tânia Regina de. História dos, nos e por meio dos impressos. Fontes orais: histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). *Fontes históricas.* 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006. p.131.

realizadas e questões salariais. Dados esses que, como atividade humana no tempo, servem e interessam aos historiadores.

- 2) *Suas formas de sustentabilidade e os recorrentes desaparecimentos* – Mesmo propalando sua função social de utilidade pública, em um século de produção brasileira os impressos passaram do fabrico artesanal à constituição como empresas, com salas de redação e gráficas. Nas quatro últimas décadas do século XX, incluíram também em suas estruturas departamentos de assinaturas e atendimento ao consumidor. Reservadas as diferenciações de cada época, publicar representou custos de produção e manutenção e o volume de recursos para a cobertura destas despesas influenciou na periodicidade das folhas, contribuindo para abreviar suas existências ou, em casos mais raros, indicando formas de reinvenção no mercado, com a ampliação de cadernos para atingir novos públicos¹³. A breve existência de alguns periódicos pode indicar ainda a publicação direcionada para fins específicos (como apologias a datas específicas, publicização de determinado ideário político pontual ou homenagens a personagens em ocasiões especiais). Porém, essa condição em si já agrega à investigação um dado a se considerar. Perceber nos expedientes e editoriais informações alusivas à estrutura física do jornal e à equipe diretora ou conselho de redação; averiguar a existência de assinaturas e correspondentes em outros estados e perceber os anúncios/anunciantes auxilia o historiador a avaliar o conteúdo jornalístico que chegou à circulação. A crítica particular dos anúncios pode atender às demandas de uma pesquisa voltada, por exemplo, aos comportamentos de consumo e às tecnologias disponíveis em uma época, ambos moldados e moldadores das vivências de uma sociedade.
- 3) *A (in)determinação de autorias* – O exercício do jornalismo dá-se de modos diferenciados ao longo dos anos. Segundo os arranjos sociais do lugar, alteraram-se tanto os pré-requisitos necessários para exercer o jornalismo, como o próprio conceito de jornalismo e de jornalista. A identidade profissional negociada com os grupos produtores de notícias e a busca pelo reconhecimento social são faces mais amplas de uma rotina que, na prática, oferece a oportunidade de não assinar o material publicado, ou de se identificar mediante pseudônimos. Pode o historiador entender o anonimato como uma atribuição imediata da autoria das idéias colocadas ao próprio jornal. Ou seja: pode entender que ao proteger-se no caráter institucional da folha, o jornalista a obrigou a assumir as repercussões do texto publicado. No entanto, é possível enriquecer a investigação historiográfica rompendo ou contornando os anonimatos e pseudônimos a partir do cruzamento de fontes hemerográficas. Os círculos de produção impressa constituem ambiente no qual os jornalistas transitam com certa rotatividade. Portanto, em outros periódicos podem estar vestígios - como marcas estilísticas de texto - capazes de apontar para determinados autores. É correto dizer que o jornalista é o seu texto, tamanho o investimento pessoal oriundo do exercício da escrita. E por outro lado, não raro aqueles que assumiram o jornalismo no século XX legitimaram a inserção no meio a partir da ocupação de outros postos no judiciário, na política ou na educação. Foram profissionais que pertenceram a uma teia cultural complexa, ativa e densa, na qual se constituíam como personagens de respeito ao ocupar muitos papéis em simultâneo. É possível encontrar suas identidades estilísticas, formas próprias de narrar e de conceber a realidade nos trabalhos como literatos, políticos e juristas, dentre outros. Ao historiador, portanto, vale o recurso de buscar o lugar social também dos autores dos textos publicados, pois essa atitude pode informar dados importantes ao problema central de investigação.

¹³ O clássico levantamento dos períodos publicados no Piauí construído por Celso Pinheiro Filho, traz indicadores da efemeridade ou expansão dos jornais impressos. Ver: PINHEIRO FILHO, Celso Pinheiro. *História da imprensa no Piauí*. 3. ed. Teresina: Zodiáco, 1997. p.220.

- 4) *O tratamento dado às vozes publicadas e silenciadas* – Entra neste âmbito da reflexão, a crítica às formas de valorização dos personagens que a imprensa traz em seus textos. Estas distinções valorativas são localizadas dentro da margem de impressão, através dos recursos tipográficos/jornalísticos disponíveis à época, como os clichês ou fotografias, uso de cores além do habitual jogo de preto e branco, disposição do material na parte superior das páginas ímpares e não pares (menos valorizadas por ficarem ao lado esquerdo do leitor). A simples repetição de determinados personagens em assuntos variados ou o seu retorno enfático a assuntos antes tratados são vestígios que auxiliam o historiador porque significam a legitimação de uma voz eleita de forma racional e deliberada. O tratamento dado às vozes publicadas deve remeter o historiador à outra face da moeda, oposta: ao silenciamento igualmente consciente de outras falas. Os jornais não silenciam todas as vozes, nem conseguem suprimi-las por completo. Há espaços de manobras manifestadas nas publicações de jornais de ideologia oponente ou nos panfletos, cartas ou revistas de ocasião distribuídas pontualmente no passado e presentes em acervos particulares e públicos. Uma vez consultadas, podem dar à investigação a oxigenação necessária, evitando o reducionismo e a superficialidade originada pela falta de confronto de fontes. Como afirma Verón¹⁴, “a mídia tem a capacidade de dizer, mostrar e fazer crer na sociedade”. Organiza o caos oriundo da impossibilidade de saber de tudo que acontece no mundo, mas a cada dia está em construção. Toda informação jornalística, é, portanto, multifária: possui as faces conhecidas e as silenciadas, e dentro de cada uma, chances múltiplas de interpretação do real. Esta percepção é cara, tanto para o jornalista quanto para o historiador, e a representação social que virá à tona nem se concentra totalmente num ponto ou em outro, mas exatamente no intervalo ou jogo entre falas e silêncios. Cabe ao historiador explorar a face ou faces que acredita mais concernentes à narrativa que deseja construir, sem deixar de pontuar o universo de possíveis existente entre as declarações e os emudecimentos.
- 5) *A construção coletiva dos sentidos no tempo* – publicar idéias em jornais é contextualizar, seduzir um leitor para o universo particular da autoria. Esse pressuposto é válido para os períodos atuais, que trabalham com o conceito norte-americano de estrutura noticiosa e também para as edições até meados do século XX, anteriores às modificações tecnológicas e editoriais que afetaram a produção jornalística e a fizeram campo de preocupação acadêmica. Os dados colocados são eleitos com a dupla intenção de divulgação e registro, e sua disposição na margem impressa já remete à hierarquia valorativa, a um modo próprio de organização das temáticas eleitas. O jornal é um todo e sua construção é coletiva. Ao ganhar as ruas, seu formato traz sentidos múltiplos, ainda que estas diferenças não impeçam que estejam todos no mesmo periódico. Os jornais do início do século XX não apresentavam divisões editoriais à semelhança das folhas após da década de 1970. No entanto, ainda compunham um todo conforme uma linha editorial mais geral, forte o suficiente ao ponto de congregar todos os sentidos neles impressos. Só a materialidade das idéias dentro da margem de impressão, já importa à investigação historiográfica. Ao eleger determinada temática e simplesmente subtraí-la do resto do jornal, sem perceber qual tratamento lhe foi dado, nem refletir a respeito da posição na hierarquia de sentidos lhe foi conferida pelos homens de imprensa, o historiador corre o risco de perder conexões de investigação empobrecendo a representação dada a ela no passado. A temática que é tratada em páginas pares, valorizada por manchetes na capa do jornal e ilustrada por fotos ou clichês geralmente corresponde ao maior interesse comercial, político e editorial da folha. Tanto maior será o interesse se a temática ganhar a preocupação de colunistas

¹⁴ VERON, Eliseo. *A produção de sentido*. São Paulo: Cultrix, 1991. p. 87.

no espaço de opinião dos impressos, considerado nobre do ponto de vista jornalístico por comportar oficialmente a postura deliberada deste meio em relação à realidade.

- 6) *A interlocução presente* – Os jornais não se resumem às tecnologias empregadas nem devem ser reduzidos às técnicas de produção. Não pondo em segundo plano as investigações que centralizam a evolução das técnicas de impressão, avaliando o jornalismo de maior alcance e influência em determinada sociedade, defendendo a importância de pesquisas em História nas quais os impressos sejam tomados como prática coletiva do homem, tão ligada ao contexto temporal e social ao ponto de constituí-los. Afinal, enquanto noticiam os fatos do cotidiano ou publicam o folhetim do literato mais respeitado no momento, os periódicos estão construindo, as representações de seu tempo. Nesse sentido, agem no processo histórico dentro de uma relação complexa. Ao serem lançados, movem ações, impulsionam novas atitudes e interferências no seu presente, gerando consequências perceptíveis nas intertextualidades com outros jornais, nos quais jornalistas/escritores discordam, confirmam ou reagem com extremismo às palavras publicadas por seus pares. Impressos, então, movem os homens nas suas lutas com a realidade. Ao se debruçar sobre eles, o historiador perceberá que continuam informando, gerando representações de seu tempo, mesmo que este tempo cronologicamente esteja distante. Desta forma, jornais não morrem. Ao contrário, renovam-se a cada interpretação que o leitor se dispuser a fazer a seu respeito. O historiador pode assumir o papel de interlocutor/questionador com quem os jornais irão dialogar. Tanto melhor será quanto se mantiver atento às intertextualidades que os dados colhidos podem ter provocado junto aos outros jornais ou fontes, tentando compreender as possíveis “conversas” mantidas entre os periódicos. Afinal, as contribuições de uma pesquisa podem se ampliar no diálogo inteligente das fontes.

Quando as preocupações dos historiadores são perceber as ações humanas no tempo, creio ser válido trilhar o caminho interdisciplinar e encontrar uma metodologia de análise dos impressos em pensamentos como os de Motta. Ele defende, no procedimento de análise narrativa¹⁵ inspirado na teoria literária, que a investigação dos jornais se inicie com: 1) O estabelecimento de uma temática com base no problema de pesquisa que norteie e delimite o colhimento dos dados e 2) A crítica dos dados a partir da consideração do seu aspecto narrativo. Isso leva o investigador a verificar cada unidade do material colhido somente após uma avaliação dos recortes dentro do todo, impedindo o esvaziamento da contextualização e dos sentidos coletivos produzidos pelo todo jornalístico. Em seguida, se procede às críticas do recorte respeitando à cronologia da publicação original, pois entende-se que foi dessa forma, a partir da leitura de cada edição publicada dentro de uma periodicidade específica, que a temática pode ser assimilada

¹⁵ A metodologia de análise que Motta denomina de análise pragmática da narrativa jornalística, reúne procedimentos de investigação que se debruçam sobre o conjunto de notícias de um mesmo tema, publicadas cotidianamente, para, em seguida, empreender reflexão sobre aquilo que a dinâmica jornalística separou em edições diárias, semanais ou em outra periodicidade. Ver: MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística In: LAGO, Claudia; BENETTI, Márcia (Org.). *Metodologia de pesquisa em jornalismo*. Petrópolis: Vozes: 2007. p. 78.

pelos leitores dos jornais. Ao contrário do que se possa imaginar a princípio, este procedimento não restringe a narrativa historiográfica, nem obriga o investigador a construir o relatório de pesquisa - seja monografia, dissertação ou tese - revelando os dados de modo cronológico. O conjunto de técnicas apenas organiza os dados comuns à temática, permite confrontos com as informações de outras fontes e o estabelecimento de categorias de abordagem do problema de modo mais célere.

Com esta postura metodológica realizei uma pesquisa, na modalidade biografia histórica, na qual os textos de jornais impressos sobre Dom Avelar Brandão Vilela, inclusive os de autoria do próprio religioso, ajudaram a dar conta das relações entre sociedade e religião católica na segunda metade do século XX.

Os textos coletados foram tomados como práticas discursivas integrantes de um processo sócio interativo, constituídas de códigos internos de produção de sentido definidos conforme a situação particular de cada veículo de comunicação. O suporte teórico dessa escolha foi o conceito foucaultiano de *prática discursiva*, segundo o qual esta é um conjunto de regras anônimas, históricas, sempre determinadas no tempo e no espaço, que definem numa determinada época e para uma área social, econômica, geográfica ou linguística as condições do exercício da função enunciativa¹⁶.

Foi possível perceber que os jornais impressos de Teresina da segunda metade da década de 1950 não eram os únicos agendadores, produtores ou testemunhas disponíveis para uma versão historiográfica, mas conforme Rego¹⁷, tornaram-se fontes imprescindíveis por serem instituições reconhecidas socialmente. Em sua oficina cotidiana se reportaram ao país, à região nordestina e à capital piauiense com os seus atores sociais, sendo um deles Dom Avelar Brandão Vilela. Os periódicos publicizaram, inclusive a si mesmos, uma vez que nos textos produzidos reportaram-se várias vezes às publicações jornalísticas elaboradas pelos seus pares e à sua própria conduta social. Conforme coloca Pinheiro, em artigo sobre a importância da existência de políticas públicas para a conservação das fontes hemerográficas no Piauí,

estas são fontes que dizem sobre as imagens e representações construídas pela intelectualidade que participou da política brasileira, oferecem valiosas informações sobre embates políticos entre grupos rivais, bem como sobre a

¹⁶ FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 16. ed. São Paulo: Loyola, 1996.p.21.

¹⁷ RÊGO, Ana Regina Barros. *Imprensa piauiense: atuação política no século XIX*. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2000. 2 v. (CD-ROM e livro).

situação econômica e social do Estado. [...] A leitura dos artigos, abre chaves de pesquisa, problemas e hipóteses de investigação.¹⁸

Nos anos 1950, os periódicos piauienses mantinham características de um jornalismo de transição, aproximando-se a partir dessa década, com avanços e recuos, de uma cobertura do cotidiano e editoração segmentada segundo temas gerais como: política, cidade, esportes, cultura e assuntos policiais. Até este momento, assuntos ligados a esses temas eram cobertos, porém não havia espaços específicos de publicação, sagrados em páginas e tamanhos determinados e invariáveis. Os assuntos fluuavam na margem gráfica ao sabor da composição que o editor julgasse mais coerente. Isso gerava a quebra de textos por várias páginas, dificultando o estabelecimento de um contrato de leitura com o leitor. No resto do país, os jornais já seguiam a periodicidade diária instaurando, a partir do Jornal do Brasil, a estruturação empresarial e adotando o modelo norte-americano de produção de textos¹⁹. A profissão de jornalista, que até então confundia-se entre campo profissional autônomo e espaço de doutrina política e de legitimação da intelectualidade local, passou a existir tendo como arena de produção uma estrutura mínima de redação, oficinas e salas de gerenciamento, além de passar a tratar com maior relevância das questões comerciais.

Nas fontes hemerográficas consultadas, ressalta à primeira leitura o pessimismo com que o teresinense via a sua cidade. Teresina era a cidade da falta. Sem esgotamento sanitário, a ser implantado somente nos fim dos anos 1960 no governo de Helvídio Nunes; sem uma grande companhia telefônica, que, por seu turno, também só chegaria na década seguinte; desprovida de universidade ou mesmo de energia elétrica de qualidade, que só chegariam nos anos 1970, era uma capital com grandes problemas de infraestrutura e atrasada em relação às demais do Nordeste.

Em impressos como os jornais *O Dia* e *Jornal do Piauí*²⁰, a missão central dos veículos de comunicação na sociedade, as suas marcas identitárias e os diálogos e

¹⁸ PINHEIRO, Áurea da Paz. Fontes hemerográficas. In: *História e historiografia*. Recife: Bagaço, 2006.p.55.

¹⁹ O livro *Notícias do Planalto* (1999), de Mario Sergio Conti, publicado em São Paulo, pela Companhia das Letras, mostra os bastidores dessa mudança nos jornais do Brasil

²⁰ O jornal *O Dia* foi fundado em 14 jul. 1923, e dirigido por Abdias Neves, mas teve vida curta, durou apenas dois anos. Foi reaberto em 1 fev. 1951, sob a direção de Raimundo Leão Monteiro, com redação de Orisvaldo Bugyja Britto, circulava às quintas-feiras e domingos, com seis páginas em cada edição. Em 1962, fora arrendado pelo Partido Trabalhista Brasileiro e em 1964 adquirido pelo coronel do Exército Otávio Miranda. O *Jornal do Piauí* era também bissemanário e composto por seis páginas em cada edição. Foi fundado em 1951 por Antônio de Almendra Freitas e dirigido por José Gayoso de Almendra Freitas, José Camillo da Silveira Filho, pela bancada de deputados estaduais do Partido Social Democrático,

negociações estabelecidas, tanto entre si quanto com a população, emergem como características aparentes. Estes momentos de renovação da auto-definição e da qualificação do outro ou da sociedade, denotam disputas de poder como pano de fundo da missão de contar a vida em Teresina.

O Jornal *O Dia*, no editorial *Nosso Aniversário*, se expressou como veículo que cumpriu o seu papel e assemelhou sua origem à de empresas como a Ford, que começaram pequenas e depois cresceram pela dedicação de seu proprietário. Leão Monteiro, diretor da redação, é apresentado como um lutador, que, com paciência de beneditino, cinco anos antes havia criado o jornal. Por seu mérito:

manteve o jornal numa diretriz retilínea, de acordo com a ética jornalística, utilizando uma linguagem decente, sem descer aos palavrões tão ao sabor dos pasquins, embora, às vezes, quando é necessário, empregue expressões duras, contundentes e sarcásticas contra os que desservem os cargos que ocupam e contra aqueles que, no poder, se tornam indignos da confiança popular.[...] Independente, sem pendores para o faccionismo político, alheios às conveniências partidárias deste ou daquele figurão de nossa política [...] Nunca fez, nem fará oposição sistemática a governos, mas também nunca deixou e não deixará de lhes dirigir críticas, até mesmo mordazes, quando necessárias. [...] Compromisso único de “O Dia” é com o povo do Piauí e do Brasil. Compromisso sagrado semelhante ao do nobre cavaleiro medieval, que de joelhos e com a mão no evangelho, jurava defender a religião, os fracos e os oprimidos.²¹

Cobrando o cotidiano com textos jornalísticos carregados de opinião, os periódicos estabeleciam seu lugar social abordando as relações entre imprensa e governos pela perspectiva das garantias que a atuação dos primeiros dariam ao bom andamento dos segundos.

Um cenário jornalístico assim delineado passou a trabalhar de modo intensivo as pautas alusivas às ações da Igreja Católica, a partir do ano de 1955, quando Dom Avelar Brandão Vilela fora eleito arcebispo de Teresina. *O Dia* e *Jornal do Piauí* trouxeram nas edições imediatamente anteriores à posse, ocorrida em 05 de maio de 1956, um calendário de solenidades que marcaria a chegada oficial do novo presidente da Província Eclesiástica do Piauí. Chama a atenção a similaridade entre os roteiros e os artigos publicados em ambos, que não são idênticos somente por questões gráficas: diante da

posteriormente pelo jornalista Arimateia Tito Filho, e, a partir de 1957, por José Vieira Chaves. Os dois foram selecionados por terem circulação ininterrupta no Estado durante todo o governo episcopal de Dom Avelar Brandão Vilela. PINHEIRO FILHO, Celso. *História da imprensa no Piauí*. 3. ed. Teresina: Zodíaco, 1997. p. 232.

²¹ Ver *Nosso Aniversário* in: *Jornal O Dia*, edição de 02 de fevereiro de 1956, p. 01.

falta de espaço, um jornal colocou trechos maiores de textos que o concorrente²². No entanto, o conteúdo era o mesmo, com forte apologia ao passado do religioso, principalmente em relação às atividades desenvolvidas à frente da Diocese de Petrolina, no estado de Pernambuco, que efetivamente só se encerraram um ano depois de sua posse em Teresina.

Houve um esforço especial por parte da igreja católica teresinense de enviar previamente aos meios de comunicação informações oficiais sobre o arcebispo, com teor adjetivado acompanhando a natureza das próprias solenidades. No dia 05 de maio, um sábado, a partir das 16 horas, haveria recepção no aeroporto com autoridades políticas e pastorais, entrega da chave da cidade ao religioso pelo prefeito Agenor Barbosa, carreata até a Igreja do Amparo, recepção com discurso do intelectual Auto de Abreu; caminhada até à Igreja de Nossa Senhora das Dores com saudação popular nas ruas feitas por estudantes de escolas públicas e privadas, recepção com honras militares em frente ao templo, realização da cerimônia de posse e em seguida caminhada ao Palácio Episcopal com novo cortejo. Noutras palavras: a programação prévia já considerava certa a presença popular nas ruas, com recepção calorosa que o povo daria ao arcebispo. Noticiando a entrega da chave da cidade pelo prefeito, a imprensa representou a abertura e a reverência que as autoridades locais prestavam ao religioso. Portanto, ele já chegara à cidade com a imagem previamente construída.

Os jornais operaram consolidando o prestígio da religião católica como organização mobilizadora da sociedade e, de certo modo, estabelecendo com ela relações que iriam garantir importância jornalística aos passos que o arcebispo tomaria nos anos seguintes. Apresentado desde as edições de 1955 como um orador sacro de grande carisma e eloquência, Dom Avelar Brandão Vilela passou a ser pauta recorrente deste jornalismo mais atento à factualidade. Suas viagens a outras capitais do Nordeste, ao interior piauiense para o reconhecimento pastoral ou ao Rio de Janeiro eram anunciadas em número maior que a agenda de autoridades políticas.

Nas suas relações com os jornais impressos Dom Avelar Brandão Vilela foi político e fomentador de uma visão sobre a igreja católica intimamente identificada com sua imagem, ao ponto de ambas chegarem a se confundir. Conjunturas nacionais e internacionais, que mobilizaram mudanças na Igreja Católica, como o Concílio Vaticano

²² Ver *Programa de Recepção in: jornal O Dia*, edição de 03 de maio de 1956; e *O Novo Arcebispo in: Jornal do Piauí*, edição de 05 de maio de 1956.

II²³, por vezes são apresentadas no Piauí como ações exclusivas do arcebispo. Em Teresina, é representado nos jornais pela inauguração de centros educacionais de ensino médio, fundação da faculdade Católica de Filosofia e da Rádio Pioneira, reorganização e ampliação de paróquias e criação de onze centros sociais capazes de levar à população da periferia atendimento odontológico, médico e social que até o momento o próprio Estado não tinha proporcionado. Por ter mobilizado massas, inclusive por meio da imprensa, foi considerado homem extemporâneo.

Seu trabalho, ao que demonstra a análise dos jornais impressos e das fontes orais e bibliográficas, mesmo sendo entendido a princípio como uma missão heróica, acima da capacidade poderosa de governos estaduais e prefeitos, deu-se no sentido de tentar unir a realidade piauiense à de outras localidades mais socialmente desenvolvidas, pela ferramenta da política e também da construção de uma imagem forte, com o povo. Atuaram nesta construção, como instrumentos discursivos os jornalistas e seus impressos, construindo a Teresina de mudanças, avanços e contestações, mas em sua maioria identificada em suas carências com o poder de mobilização do arcebispo.

Estas foram palavras breves a respeito de um tema ainda rico em possibilidades de análise. A experiência da pesquisa rendeu as reflexões aqui colocadas e tanto será mais bem-sucedida quanto puder mobilizar historiadores rumo à novas contribuições sobre modos de utilizar os jornais como uma fonte científica que nunca morre. Portanto, para todos nós, o desafio permanece.

REFERÊNCIAS

Bibliográficas

ALBERTI, Verena. **Fontes orais: histórias dentro da História**. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes históricas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

BARBOSA, Marialva Carlos Barbosa. **Meios de Comunicação e história: um universo de possíveis**. In: FERREIRA e RIBEIRO (orgs.). Mídia e Memória, a produção de sentidos nos meios de comunicação. Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

CONTI, Mário Sérgio. **Notícias do Planalto**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

²³ O Concílio Vaticano II (1962-1965), foi o evento católico mais importante do século XX, realizado em Roma, com a postura de defesa da visão antropocêntrica da fé, colocando o homem e suas carências materiais no centro das preocupações católicas, e reconhecendo uma mística cristã carente de mergulho no mundo moderno.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 16. ed. São Paulo: Loyola, 1996.

LAGO, Cláudia; ROMANCINI, Richard. **História do Jornalismo no Brasil**. Florianópolis: Insular, 2007. p.15.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 5. ed. Campinas: Unicamp. 2003.

LUCA, Tânia Regina de. **História dos, nos e por meio dos impressos**. Fontes orais: histórias dentro da história. In: PINSKY, Carla Bassanezi (Org.). Fontes históricas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2006.

MOREL, Marco. **Os primeiros passos da palavra impressa**. In: LUCA & MARTINS (orgs.) História da Imprensa no Brasil. São Pulo: Contexto, 2008.p.29.

MOTTA, Luiz Gonzaga. **Análise pragmática da narrativa jornalística**. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (Org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. Petrópolis: Vozes, 2007.

PINHEIRO, Áurea da Paz. **Fontes hemerográficas**. In: História e historiografia. Recife: Bagaço, 2006.

PINHEIRO FILHO, Celso Pinheiro. **História da imprensa no Piauí**. 3. ed. Teresina: Zodiaco, 1997.

RÊGO, Ana Regina Barros. **Imprensa piauiense: atuação política no século XIX**. Teresina: Fundação Cultural Monsenhor Chaves, 2000. 2 v. (CD-ROM e livro).

RICOEUR, Paul. **A Memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Editora UNICAMP, 2007. p. 252.

VEIGA, Vera França da. Pré-texto teórico. In: **Jornalismo e Vida Social: a história de um jornal mineiro**. Belo Horizonte: editora UFMG, 1998. p. 37.

VERON, Eliseo. **A produção de sentido**. São Paulo: Cultrix, 1991.

Hemerográficas

Jornal O Dia

Nosso Aniversário in: *Jornal O Dia*, edição de 02 de fevereiro de 1956, p. 01.

Programa de Recepção in: *jornal O Dia*, edição de 03 de maio de 1956; p. 02.

Dissertação

CARVALHO, Sônia Maria dos Santos. **Dom Avelar Brandão Vilela: uma biografia histórica**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em História do Brasil. Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2010. 207 pág.